

EDITORIAL

Foi uma experiência inesquecível sob o olhar até então, de um estranho da Geografia. Me refiro aos dois anos que vivenciei de perto essa ciência por muitos desprezada e ignorada. E isso já começa lá atrás no ensino médio. As aulas de Geografia sempre foram tidas como entediadas pelos alunos. Talvez esta pecha tenha sido alimentada e reforçada por alguns profissionais frustrados, que inconscientemente, repassaram esse sentimento aos estudantes. No meu caso a sala de aula servia apenas para decorar nomes de países, copiar mapas e depois colorí-los.

Esse foi o conteúdo que tenho forte ainda na lembrança, mais de três décadas depois. Não sabia-se ainda o que era globalização, e apesar das incessantes pesquisas de professores e pesquisadores da Geografia no mundo acadêmico, pouco ou nada batia às portas de quem aprendia um pouco desta ciência em um colégio estadual. Era um aprender de algo distante, quase intocável, que não dizia respeito ao cotidiano, a nossa realidade mais próxima. A única forma de ‘aproximação’ com o assunto imposto em sala de aula acontecia com as poucas fotos que ilustravam os livros didáticos. Geralmente eram mapas ou paisagens que remetiam aos polos da Terra. E o resto do mundo, não existia. Minha cidade, meu estado, um pouco do meu país, e nada mais.

Era tudo muito romântico e faltava uma pitada de realidade. Por isso, assistir a uma aula de Geografia parecia não ter sentido, já que não tinha aplicação ao mundo real em que vivia. Pois é. Mas o tempo passou e o mundo mudou, inclusive nesta relação de espaço-tempo. O cenário que já não era percebido, estudado e debatido, sofreu mais e mais alterações. E muitas delas, para não dizer todas, resultaram das próprias mãos do homem. Seria por falta de conhecimento e pela distância do mundo real? Não dá para afirmar. Mas o que pode-se dizer é que os tempos são outros e parece-me que a cada dia, a Geografia por muitos anos marginalizada, se faz mais presente e necessária no dia a dia das pessoas.

As notícias veiculadas diariamente revelam a preocupação com os recursos naturais cada vez mais escassos, com o derretimento das geleiras nas calotas polares, com o aquecimento global, com a elevação de mares e oceanos, com o efeito estufa e com a própria sobrevivência humana no planeta. Tudo está ameaçado. É o que os pesquisadores da Geografia Física estão constatando, sem falar nos efeitos do desmatamento e o impacto desse nas condições naturais do ecossistema. Se ainda assim, você se sente distante desta discussão, pense nos efeitos da falta de um zoneamento urbano sério dentro de um município.

O resultado tem sido desmoronamentos, mortes, casas alagadas e muita destruição. Porque choveu demais em tão curto espaço de tempo em um mesmo lugar? Porque centenas de famílias perderam suas casas? Não foi o rio que causou tudo isso, apesar de ter sofrido constantes interferências humanas, com represamentos, com o acúmulo de lixo descartado diariamente, tendo como resultado o assoreamento dos leitos. Mais que isso. Faltou entender as leis naturais e saber que onde se levantou uma cidade nas últimas décadas, já existia milhões de anos atrás, o mesmo

rio, seu leito e suas margens para vazão. Porque essas famílias foram morar lá?

A Geografia Humana se dedica a outros inúmeros comportamentos sociais. E entre eles podemos destacar o poder, a política, e economia, a migração, as redes e a sociedade em geral. Toda convenção ou formação social tem um perfil específico, que pode e deve ser pesquisado, estudado e discutido pelos geógrafos. E isso nunca esteve tão claro e se fez tão necessário. Na rua onde você mora, certamente podemos diagnosticar algum comportamento social que terá explicação geográfica. No seu bairro, na sua cidade, na sua região. Cabe a nós geógrafos, fomentarmos essa necessidade, e pulverizarmos cada vez mais, os fundamentos e conhecimentos desta ciência. Eu diria, que além da prevenção é preciso diagnosticar falhas, falta de políticas públicas voltadas para o bem comum. O geógrafo precisa pesquisar, revelar novas descobertas, mas principalmente, trazer para a sociedade a aplicabilidade do que estuda.

Somos uma espécie de médicos da sociedade e do meio ambiente. Mas pesquisar, colecionar títulos e diplomas sem disponibilizar o que é de interesse social é como trabalhar em um hospital de ‘primeiro-mundo’, cheio de equipamentos e medicamentos de última geração, no meio do deserto.

Gilson Aparecido Boschiero

Jornalista

Mestre em Geografia na Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.